

**Mês reforça a importância da identidade afro-latino-americana, homenageia Tereza de Benguela e destaca a luta histórica de mulheres que transformaram o Brasil e seguem abrindo caminhos para as próximas gerações**

POR GIOVANNA KUNZ

**J**ulho é mais do que um mês de homenagens. Conhecido como Julho das Pretas, o período se consolidou como um momento de mobilização política, valorização da memória, fortalecimento da identidade e reconhecimento da contribuição das mulheres negras para a construção da América Latina e do Caribe. O ponto alto da celebração ocorre em 25 de julho, quando é comemorado o Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha, data criada em 1992 durante o 1º Encontro de Mulheres Negras Latino-Americanas e Caribenhas, realizado em Santo Domingo, na República Dominicana.

No Brasil, a data também marca o Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra, instituído em 2014. A homenagem reconhece a trajetória da líder quilombola que comandou o Quilombo do Quariterê, no atual Mato Grosso, durante o século 18, tornando-se símbolo da resistência negra e da liderança feminina na luta contra a escravidão.

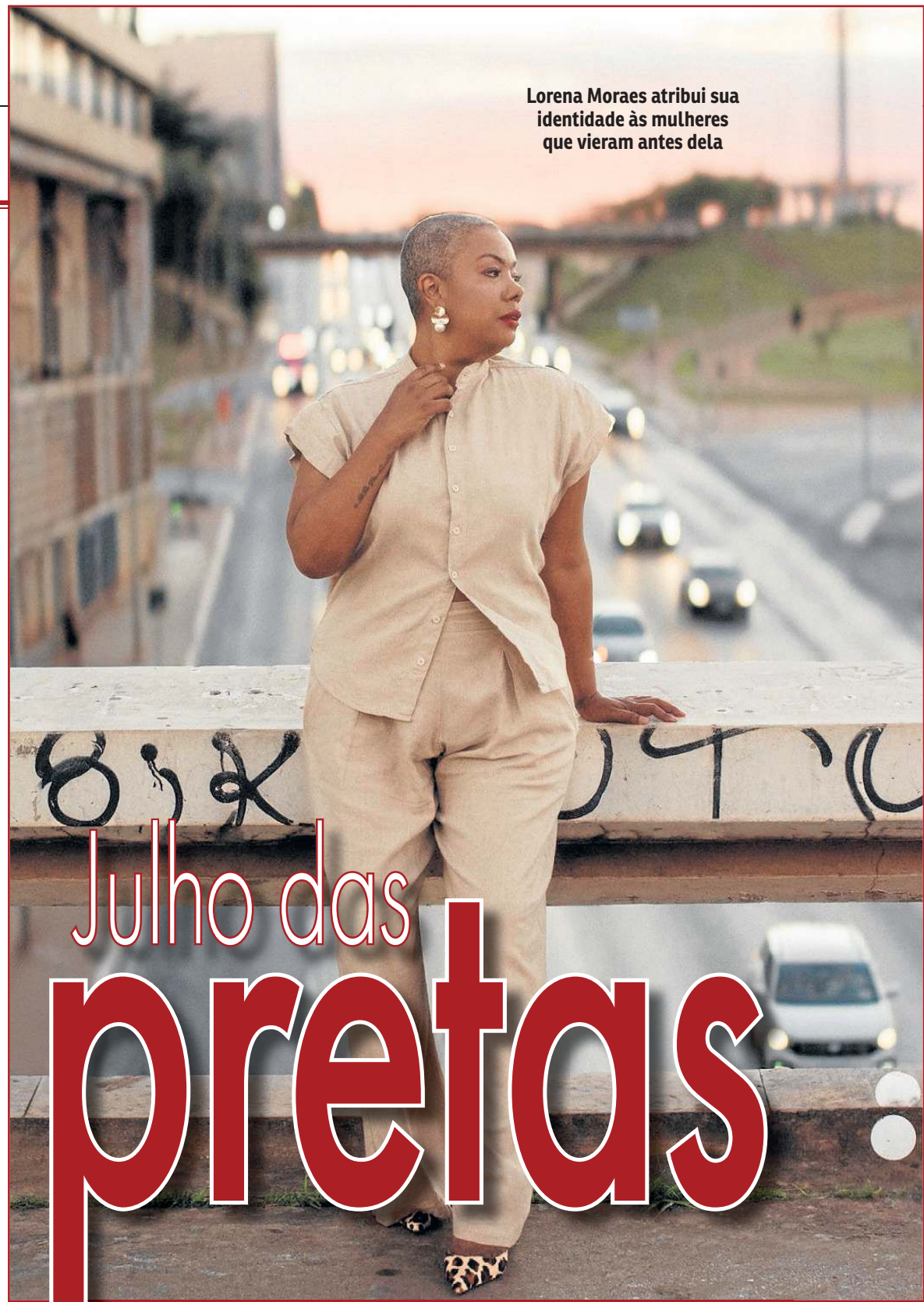
Mais de três décadas após a criação da data internacional, o debate sobre pertencimento, ancestralidade e representatividade segue crescendo. Para mulheres negras brasileiras, reconhecer-se, também, como latino-americana significa compreender que as histórias de colonização, escravidão, racismo e resistência ultrapassam as fronteiras nacionais.

### Pioneirismo

A ativista Graça Santos, de 73 anos, acompanha essa construção desde o início. Militante do movimento negro desde 1976 e uma das fundadoras do Centro de Estudos Afro-Brasileiros (Ceab), primeira organização negra de Brasília, lembra que esse sentimento de pertencimento não fazia parte da formação da maioria das brasileiras.

"Por não ter essa formação (de letramento racial) nem no sistema educacional nem na sociedade, a maioria dos brasileiros e brasileiras não tinha o entendimento de ser uma mulher latino-americana. Comecei a ter este entendimento na militância negra", afirma.

Graça participou do histórico processo de redemocratização brasileira, integrou a Convenção Nacional do Negro e a Constituinte e foi uma das mulheres que assinaram o documento entregue aos constituintes em



Lorena Moraes atribui sua identidade às mulheres que vieram antes dela

Lys Gusmão @lysgusmao

1987. Entre as reivindicações defendidas pelo movimento estava o reconhecimento do racismo como crime inafiançável, incorporado à Constituição de 1988.

Para ela, as conquistas atuais são resultado de décadas de organização coletiva. "Foi mais uma luta do movimento de mulheres negras brasileiras a instituição das leis que criam o Dia Tereza de Benguela e o Dia da Mulher Negra. Essas datas são importantes, porque ajudam o povo brasileiro a conhecer sua história."

A trajetória de Graça também se conecta à própria história de Brasília. Nascida em Floriano, no Piauí, mudou-se para a capital ainda jovem, ingressou

no Banco do Brasil, formou-se em psicologia pela Universidade de Brasília e, há 34 anos, mantém o primeiro salão afro da capital federal, o Afro N'zinga Cabelo e Arte. Hoje, segue atuando na Frente de Mulheres Negras do Distrito Federal.

Ao olhar para essa caminhada, ela resume o legado deixado pelas gerações anteriores. "Somos continuidade de nossos antepassados por um país verdadeiramente democrático."

### Memória e mobilização

A cientista política Thais Cardoso destaca que o 25 de julho ultrapassa o caráter comemorativo e representa